

LAURA CRISTINA SANTOS VIEIRA

**AS DIFICULDADES DOS GESTORES E PROFESSORES EM LIDAR COM A
SÍNDROME DE BURNOUT**

ITUIUTABA (MG)

2019

LAURA CRISTINA SANTOS VIEIRA

AS DIFICULDADES DOS GESTORES E PROFESSORES EM LIDAR COM A SÍNDROME DE BURNOUT

Artigo apresentando para graduação ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para obtenção do Título de Pedagoga.

Área de conhecimento: Gestão escolar e Psicologia

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Gonçalves Prado

ITUIUTABA (MG)

2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cláudio Gonçalves Prado

Prof. Dr. Simone Aparecida dos Passos

Prof. Dr. Maria Aparecida Augusto Satto Vilela

AGRADECIMENTOS

Por meio deste pequeno agradecimento quero demonstrar a todos os envolvidos minha gratidão. Sem vocês essa conquista não seria possível.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que me proporcional paciência e força de vontade para continuar lutando pelo meu objetivo.

Meus pais, Willian e Maria José, que em todos os momentos estão ao meu lado me dando apoio, amor e carinho.

Meu esposo, Alex Almeida, que sempre me apoiou mesmo nos momentos em que precisei me ausentar. Sempre esteve ao meu lado me incentivando e auxiliando.

A toda minha família!

E por fim, mas, não menos importante, todos os meus professores que durante esses cinco anos me deram um pouco de seu conhecimento, fazendo com que me tornasse uma pessoa melhor. Em especial ao meu orientador Dr. Prof. Cláudio Gonçalves Prado, que dedicou seu tempo a me auxiliar em meu trabalho de conclusão de curso com toda paciência do mundo, fez com que a conclusão deste fosse possível.

“Somos o que fazemos para mudar o que fomos!”

Rosa de Saron.

SUMÁRIO

RESUMO	04
INTRODUÇÃO	05
1 SINDROME DE BURNOUT E O PROFESSOR	08
2 O PROFESSOR	11
3 A GESTÃO	15
4 AS DIFICULDADES EM SE TRABALHAR COM EDUCAÇÃO	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	26

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise sobre o trabalho do professor e a síndrome de burnout, tendo como áreas de pesquisa a psicologia, gestão e a docência. A elaboração deste trabalho se deu a partir de pesquisas bibliográficas, artigos, livros e dissertações sobre o assunto. Como bibliografias foram usadas autores como: Paulo Freire (1997), Wanderley Codo (1999), Ângelo Ricardo de Souza (2009) e Heloísa Luck (2009). O problema de pesquisa será estruturado em dois eixos sendo o primeiro: Como o docente pode ser acometido com sofrimento psíquico? E o segundo: Como o gestor escolar pode atenuar os danos emocionais dos docentes? O objetivo geral é compreender o significado, causas e consequências do sofrimento psíquico dos professores, e como objetivos específicos discutir sobre a síndrome de *burnout*, bem como o gestor escolar pode trabalhar para atenuar os danos emocionais, levantar possíveis transtornos e prejuízo à atividade docente advindos de frustrações psicológicas. Foi abordado durante as discussões as dificuldades do trabalho docente, sua importância na vida do aluno e como os transtornos da docência podem acarretar danos psicológicos. Questões como: infra-estrutura, materiais, salário e falta de reconhecimento foram apontadas para mostrar como tal função tem pouca importância dentro da sociedade em geral. Verificou-se então que a gestão escolar tem como dever auxiliar no trabalho do professor, bem como no ambiente escolar para que se tenha um local de trabalho pautado em uma boa convivência, democrático e dialógico.

Palavras-chave: Burnout; Professor; Gestão escolar.

ABSTRACT

This article presents an analysis of the teacher's work and burnout syndrome, having as research areas psychology, management and teaching. The elaboration of this work was based on bibliographical research, articles, books and dissertations on the subject. As bibliographies were used authors such as: Paulo Freire (1997), Wanderley Codo (1999), Ângelo Ricardo de Souza (2009) and Heloísa Luck (2009). The research problem will be structured in two axes, the first one: How can the teacher be affected with psychological distress? And the second: How can the school manager mitigate the emotional damage of teachers? The overall goal is to understand the meaning, causes and consequences of teachers' psychological distress, and how specific objectives to discuss about burnout syndrome, as well as the school manager can work to mitigate the emotional damage, raise possible disorders and impairment to teaching activity arising from of psychological frustrations. It was discussed during the discussions the difficulties of teaching work, its importance in the student's life and how teaching disorders can cause psychological damage. Questions such as infrastructure, materials, salary and lack of recognition were pointed out to show how such a function has little importance within society at large. It was verified then that the school management has as duty to assist in the teacher's work, as well as in the school environment so that it has a workplace based on a good, democratic and dialogic coexistence.

Keywords: Burnout; Teacher; School management.

1-INTRODUÇÃO

O presente trabalho abordará como tema a Síndrome de *Burnout*; o adoecimento do professor advindo de sofrimento psíquico, mostrando como o trabalho da gestão pode interferir para que o ambiente de trabalho seja produtivo e benéfico ou causador do afastamento e do adoecimento do docente. Tendo em vista que, cabe à gestão estabelecer regras e meios de se trabalhar com a diversidade de um ambiente escolar, auxiliando e direcionando o trabalho do professor durante o ano letivo, buscando métodos, soluções que encaminhem o trabalho do professor da educação básica. Este tema é de suma relevância no meio acadêmico, visto que muitas pessoas não estão cientes do assunto e não buscam o auxílio necessário para tratar da saúde mental.

O quadro educativo ainda apresenta muitas falhas em relação à saúde do professor, neste sentido alguns pesquisadores têm notado a necessidade de se estudar o mal-estar docente e os motivos de seu afastamento. Questões como o afeto e a necessidade de se manter uma relação além do profissional, buscando uma amizade e uma aproximação com os alunos são pontos que chamam a atenção, pois, além de “afetar” o psicológico do docente, faz com que ele tenha uma carga emocional, trazendo consigo os problemas passados pelos alunos como falta de apoio da família, necessidades básicas como: alimentação e higiene, e até abusos e agressões. A relação professor/aluno se torna algo essencial dentro do ambiente escolar, deixa de ser somente um ambiente de ensino/aprendizagem e passa a ser um local onde se cria relações de afeto. Freire (1997, p. 8) fala sobre ser professor e como tal tarefa é difícil;

Exigente de seriedade, de preparo científico, de preparo físico, emocional, afetivo. É uma tarefa que requer de quem com ela se compromete um gosto especial de querer bem não só aos outros, mas ao próprio processo que ela implica. É impossível ensinar sem essa coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes de uma desistência. É impossível ensinar sem a capacidade forjada, inventada, bem cuidada de amar.

Como metodologia utilizada para o desenvolvimento deste artigo, foram feitos estudos bibliográficos e pesquisas sobre o assunto. Com o propósito de delimitar os objetivos específicos e gerais, foram estudados autores como: Paulo Freire (1997), Wanderley Codo (1999), Ângelo Ricardo de Souza (2009) e Heloísa Luck (2009). Para realizar um trabalho

utilizando a revisão bibliográfica é necessário ter clareza sobre o tema a ser pesquisado, e a leitura de diversas obras é fundamental para a realização do mesmo.

Assim, Trentini e Paim apud Echer (2001, p. 68) asseguram que “a escolha acertada de uma revisão de literatura relacionado ao problema denota familiarizar-se com textos e, a partir deles, reconhecer os autores e o que eles estudaram anteriormente sobre o problema a ser estudado”.

Primeiramente foi-se pensado em um “problema” para ser estudado e a partir disso abranger os objetivos específicos e o objetivo geral. De acordo com Gil (2007), toda pesquisa tem início a partir de um problema, torna-se conveniente esclarecer tal termo, uma acepção bastante corrente identifica o problema como uma questão que dá margem à hesitação ou perplexidade, difícil de explicar ou resolver. Na visão científica, problema é qualquer questão não resolvida e que é objeto de discussão, em qualquer domínio do conhecimento. Sendo assim, o problema de pesquisa será estruturado em dois eixos sendo o primeiro: Como o docente pode ser acometido com sofrimento psíquico? E o segundo: Como o gestor escolar pode atenuar os danos emocionais dos docentes?

Atualmente existem muitos estudos sobre o ato de educar, metodologias e projetos para a escola, currículos educacionais, projeto político e normas são sempre aprimorados, porém, os estudos sobre o educador, ou seja, a pessoa responsável pela educação, ainda são escassos, deixando de lado suas necessidades e a importância de sua saúde física e mental, assim, como justificativa traremos algumas indagações como: as falhas do quadro educativo em relação à saúde do professor, trazendo o questionamento sobre até que ponto a gestão pode trabalhar para atenuar o mal-estar docente; Como a relação aluno/professor pode interferir no ambiente escolar. Mostrar como a falta de estudo sobre a saúde mental dos professores afeta o ambiente escolar.

Sabemos que a educação não acontece somente no espaço escolar, e sim em todos os lugares e em diversas situações, mas é na escola que as crianças aprendem e se concretiza o ato de educar e tal ato cabe ao professor. Segundo Codo (1999, p.43), “educar é um ato de reconstruir os laços entre o passado e o futuro, ensinar o que foi para inventar e ressignificar o que será”.

A partir da justificativa podemos abranger o objetivo geral e específicos sendo estruturados em: objetivo geral: Compreender o significado, causas e consequências do sofrimento psíquico dos professores; objetivos específicos: Discutir sobre a síndrome de

burnout, bem como o gestor escolar pode trabalhar para atenuar os danos emocionais. Levantar possíveis transtornos e prejuízo à atividade docente advindos de frustrações psicológicas.

Para entender melhor como a rotina escolar pode provocar doenças psicológicas, algumas questões serão destacadas como: avaliações; diversidade na sala de aula; elevado número de trabalhos; sua atuação em sala de aula e a relação aluno/professor; a importância do afeto com o aluno; e como precisará enfrentar esse fator no seu dia a dia.

No primeiro será abordada a síndrome de *burnout*, como os professores podem ser acometidos por tal doença psicológica, abordando desde a sua rotina na sala de aula, até a questão salarial e a falta de reconhecimento. Dentre as consequências na vida do professor pode-se notar, por meio dos estudos feitos a falta de empatia pelo trabalho, falta de estímulo, e baixo rendimento; Entrelaçando assim, questões como o dia a dia da escola, o afeto com o aluno, o saber/fazer do professor, as avaliações que passa diariamente, e como a gestão está envolvida no trabalho dentro da sala de aula. Em seu livro *Educação: carinho e trabalho*, Codo (1999) busca explicar a Síndrome de *Burnout*, e como é uma das conseqüências deste ritmo atual: um estado de tensão emocional e estresse crônico provocado por condições de trabalho desgastantes. Cabe mencionar também sobre o professor e a relevância de seu trabalho; de acordo com Ferreira e Conceição (2016), ser professor é “exercer uma das profissões mais importantes, tendo em vista que as demais, na sua maioria, dependem dela”.

Questões como falta de reconhecimento, tanto da escola como o autoconhecimento também serão abordados para que possa entender melhor o que leva ao adoecimento psíquico. Carga horária excessiva, falta de instrumentos para o trabalho, excesso de trabalho tanto na escola quanto após o horário de serviço, são alguns apontamentos que iremos fazer para podermos visualizar melhor o trabalho docente. Freire (1997, p.8) vai além quando fala sobre os obstáculos envolvendo a docência;

É preciso ousar para ficar ou permanecer ensinando por longo tempo nas condições que conhecemos, mal pagos, desrespeitados e resistindo ao risco de cair vencidos pelo cinismo. É preciso ousar, aprender a ousar, para dizer não à burocratização da mente a que nos expomos diariamente. É preciso ousar para continuar quando às vezes se pode deixar de fazê-la, com vantagens materiais.

Após entender melhor sobre o trabalho do professor, é bom mencionar sobre o trabalho da gestão escolar, dando foco para a importância de se trabalhar em uma gestão

democrática e participativa, pois, quando se busca a democracia se cria um ambiente produtivo e aconchegante. Foi abordada a importância do diálogo entre gestão, professores, alunos e a comunidade escolar, onde, cabe à gestão fazer esse intermédio entre escola e comunidade, mostrando alguns deveres importantes em sua rotina de trabalho como avaliação do professor e dos alunos, direcionamento do professor em suas aulas e auxílio para manutenção do ambiente escolar como: materiais, infraestrutura, tecnologias e métodos. Luck (2009. P.22) aponta as funções da gestão escolar;

Os gestores escolares, constituídos em uma equipe de gestão, são os profissionais responsáveis pela organização e orientação administrativa e pedagógica da escola, da qual resulta a formação da cultura e ambiente escolar, que devem ser mobilizadores e estimuladores do desenvolvimento, da construção do conhecimento e da aprendizagem orientada para a cidadania competente. Para tanto, cabe-lhes promover a abertura da escola e de seus profissionais para os bens culturais da sociedade e para sua comunidade. Sobretudo devem zelar pela constituição de uma cultura escolar proativa e empreendedora capaz de assumir com autonomia a resolução e o encaminhamento adequado de suas problemáticas cotidianas, utilizando-as como circunstâncias de desenvolvimento e aprendizagem profissional.

Por último iremos discutir as dificuldades em se trabalhar com educação, fazendo apontamentos sobre a saúde mental do docente, carga horária excessiva e a diversidade de tarefas imposta para o professor. Abordando também a importância da educação e sua desvalorização. Codo (1999, p.73) fala sobre como a sociedade valoriza a escolarização e não a educação:

No Brasil, por diferentes motivos, a sociedade valoriza a escolarização, mas o conhecimento muitas vezes parece uma recompensa que recebem apenas aqueles que possuem determinadas disposições intelectuais, associadas, geralmente, aos setores sociais mais favorecidos. Às vezes, se considera os usuários mais pobres da escola pública como impossibilitados de se apropriarem do conhecimento, devido às suas características socioculturais.

2- A SÍNDROME DE BURNOUT E O PROFESSOR

A profissão docente está abarcada de responsabilidades que exige do profissional, aprendizagem, e preparo físico e mental. Nas licenciaturas, aprende-se a trabalhar com crianças e adolescentes, de forma a ensinar o conteúdo, metodologias, práticas e embasamentos teóricos. Porém, pouco ou nada se estuda sobre o enfrentamento que a profissão irá trazer; como dito anteriormente, questões como falta de material, falta de apoio e

o baixo salário. Os cursos de licenciatura se tornam com menos procurados, pois, no Brasil, a educação na atualidade não tem sido prioridade como tem mostrado o governo atual.

Como Codo (1999) menciona o ritmo atual e as diversas mudanças que o mundo passa traz consigo o desgaste emocional, e o cansaço físico e mental. O próprio termo *Burnout* demonstra que esse desgaste danifica aspectos físicos e psicológicos da pessoa. Afinal, traduzindo do inglês, “burn” quer dizer “queima” e “out” significa “exterior”. O tratamento em nível científico se deu apenas na década de 1970, quando começaram a serem construídos modelos teóricos e instrumentos capazes de registrar e compreender este sentimento de desânimo, apatia e despersonalização. Codo (1999) explica que o *burnout* surge para tentar compreender as contradições da área de prestação de serviços. Foi Fregenhauer (1974) quem aplicou o termo que se usa atualmente, e seu trabalho foi muito importante para nomear um sentimento que já estava ali. Malasch e Jackson (1981) apontam a síndrome como um estresse laboral, aparece como uma reação à tensão emocional crônica gerada a partir do contato direto e excessivo com outros seres humanos, já que cuidar exige da pessoa tensão emocional, e responsabilidade. Codo fala também de Cherniss (1980), e como sua perspectiva organizacional discute que os sintomas que compõem a síndrome do *burnout* são respostas possíveis para um trabalho estressante, frustrante ou monótono, alertando para a diferença entre *burnout* e alienação.

Em geral, a síndrome atinge profissionais que lidam direto e intensamente com as pessoas. Carlloto (2002, p.25) acredita que o “*Burnout* em professores é um fenômeno complexo e multidimensional resultante da interação entre aspectos individuais e o ambiente de trabalho”. Alguns especialistas lidam com a síndrome como uma modalidade: o *stress* ocupacional. É o caso dos profissionais das áreas de educação, assistência social, saúde, recursos humanos, bombeiros, policiais, advogados e jornalistas. Algumas pessoas nessa situação não procuram a ajuda necessária para melhorar, e na escola é preciso saber que podem contar com a gestão escolar para melhorar seu ambiente de trabalho, seja auxiliando dentro ou fora da sala de aula. Codo (1999, p.60) afirma:

Atualmente os educadores estão experimentando uma crise de identidade. De forma mais ou menos direta, o conjunto de fatores que ingressam na configuração dessa crise aponta a um questionamento do saber e saber-fazer dos educadores, da sua competência para lidar com as exigências crescentes do mundo atual em matéria educativa e com uma realidade social cada vez mais deteriorada que impõe impasses constantes à atividade dos profissionais.

Os sintomas da síndrome podem ser confundidos com outras doenças psicológicas como a depressão, pois, no caso do *Burnout* causa: exaustão emocional, baixa realização no trabalho e falta de interesse em coisas do cotidiano como trabalho e lazer. Levy (2006, p. 13) explica sobre a diferença entre o *stress* e o *stress* ocupacional, situações que podem ser confundidas:

O stress é considerado um fenômeno fisiológico do organismo, resultado de um processo adaptativo, representado por uma cadeia de reações físicas e psicológicas do ser vivo em resposta a um fator que necessita de modificações comportamentais para garantir sua integridade e adaptação ao meio. Já o stress ocupacional é um conjunto de perturbações psicológicas ou de sofrimento psíquico associadas à incapacidade de lidar com as fontes de stress no ambiente do trabalho.

O professor quando em pleno exercício de suas atividades passa por diversas situações que podem causar o *stress*, assim quando acometido pela síndrome em questão, passa a ter que lidar com situações que o incomodam diretamente em seu ambiente de trabalho, apesar de ser considerada por muitas pessoas, que não estão ligadas diretamente com a educação uma profissão fácil; várias questões fazem com que o ele desenvolva doenças psicológicas como: falta de infraestrutura nas escolas, a falta de respeito por parte dos alunos, falta de apoio do Estado, e claro a falta de apoio da gestão escolar. Codo (1999), destaca que o baixo salário dificulta na aquisição de materiais para atualização, ou seja, formação continuada, pois, o poder de compra desses profissionais acaba sendo baixo, causando a desmotivação. Além de todas as condições inadequadas que o professor precisa lidar diariamente, a questão salarial também pode prejudicar, fazendo com que o docente não se satisfaça em sua situação salarial. De acordo com o Ministério da Educação (BRASIL,2019);

O piso salarial do magistério foi atualizado em 11,36%, conforme determina o artigo 5º da Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008. O novo valor é de R\$ 2.135,64 e passa a valer a partir deste mês. O piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica (PSPN) é o valor abaixo do qual a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios não poderão fixar o vencimento inicial das carreiras do magistério público da educação básica para a formação em nível médio, na modalidade Normal, com jornada de, no máximo, 40 (quarenta) horas semanais.

Gradella (2010) fala sobre como no Brasil tradicionalmente as categorias utilizadas para compreender as relações entre saúde e condições de trabalho são insalubres e perigosas. E, além disso, reconhece que ser docente pode propiciar algum tipo de sofrimento psíquico.

Em sua pesquisa, Gradella (2010) entrevista vários professores e uma de suas observações que chama atenção por sua negatividade foi:

O sofrimento psíquico tem maior possibilidade de se manifestar em função da submissão a uma relação de trabalho assalariado com todas as interdependências que dele decorrem, isto é, as condições são inadequadas, mas as cobranças e exigências, tanto do discente quanto da administração, não reconhecem essa situação (p. 143).

Soratto e Pinto (2003) colocam o adoecimento do professor pelo desenvolvimento da síndrome de *burnout* em uma situação ainda mais alarmante ao afirmarem que, apesar de não mais suportar o que faz, continua na ativa, desempenhando suas atividades rotineiras, buscando estratégias de enfrentamento e colocando em risco sua saúde. Um dos motivos para continuar trabalhando é a falta de recursos para se manter quando longe trabalho. Alguns ainda trabalham em situação de contrato, podendo não ter o direito a férias, décimo terceiro salário e afastamento por motivo de doenças. Com o baixo salário, demandas como medicamento e acompanhamento médico passam a serem deixados de lado para contenção de gastos. Carlloto, 2002, p. 27 esclarece;

Na medida em que entendemos melhor este fenômeno psicossocial como processo, identificando suas etapas e dimensões, seus estressores mais importantes, seus modelos explicativos, podemos vislumbrar ações que permitam prevenir, atenuar ou estancar o *burnout*. Desta forma, é possível auxiliar o professor para que este possa prosseguir concretizando seu projeto de vida pessoal e profissional com vistas à melhoria da qualidade de vida sua e de todos os envolvidos no sistema educacional.

Segundo Codo (1999), o desgaste emocional dos professores, a demanda de um vínculo afetivo e o enfrentamento diário pelo reconhecimento de seu trabalho, gera nos trabalhadores essa sensação de cansaço crônico, não conseguindo se recuperar, mesmo depois de desfrutar de um descanso prolongado como as férias. Assim, na sua volta às atividades o serviço volta a ser algo incômodo e gera frustrações.

3- O PROFESSOR

Como dito anteriormente o professor acaba precisando ter uma proximidade maior com os alunos e uma responsabilidade muito grande, diversas tarefas a serem desenvolvidas

diariamente e deveres que vai além da sala de aula. No dia a dia, algumas tarefas já fazem parte da rotina como: verificar a presença dos alunos, corrigir as atividades, ensinar as matérias etc. Mas, fora da sala ainda são necessários alguns procedimentos que também acabam virando costumes como: planejar aula, provas e trabalhos, lançar os conteúdos nos diários, participar dos módulos, ajudar na elaboração do regimento e planejamento da escola. Ou seja, para se atuar na área é necessária muita qualificação e esforço como mencionado por Ferreira e Conceição (2016, p.3) que: “Ser qualificado para ensinar conhecimentos, fazendo com que qualquer aluno aprenda e, ainda, potencializar sua formação cidadã. ” Ou seja, além de ensinar as disciplinas e os componentes é necessário que o docente saiba ensinar para ser cidadão, saber conviver em sociedade.

Apesar de considerar que o trabalho pode gerar uma rotina, Ferreira e Conceição (2016) consideram que a docência é baseada em perguntas e questionamentos, sendo assim, não pode ser considerada uma atividade rotineira, pois, implica na busca por resposta; cada dia é um dia diferente e cada aluno será diferente fazendo com que as aulas sejam compostas pela diversidade onde o processo de ensino/aprendizagem acontece de forma diferente em cada pessoa.

Uma das questões que o professor precisa lidar diariamente são os parâmetros de qualidade, avaliações e monitoramento, e isso, cabe à gestão escolar, saber monitorar e avaliar de forma que o professor se sinta seguro e amparado em seu ambiente de trabalho. Luck (2009, p.21) fala sobre a importância dos professores na escola e na formação dos alunos:

Os professores são profissionais que influem diretamente na formação dos alunos, a partir de seu desempenho baseado em conhecimentos, habilidades e atitudes e, sobretudo por seus horizontes pessoais, profissionais e culturais. De sua postura diante da vida, dos desafios, da educação e das dificuldades do dia-a-dia depende a qualidade de seu trabalho. Professores bem informados e bem formados são fundamentais para a orientação competente de seus alunos. Sua atuação junto de seus alunos deve ser aberta, com forte liderança e perspectivas positivas orientadas para o sucesso. Professores com elevadas expectativas no sentido de fazer diferença na aprendizagem de todos e cada aluno são aqueles que mais contribuem para a formação desses.

A importância dos professores e como ele se torna um facilitador na busca de conhecimentos está descrito nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997):

O professor é visto, então, como facilitador no processo de busca de conhecimento que deve partir do aluno. Cabe ao professor organizar e coordenar as situações de aprendizagem, adaptando suas ações às características individuais dos alunos, para desenvolver suas capacidades e habilidades intelectuais (p. 31).

Codo (1999) vai além mostrando a importância do professor no futuro dos alunos como toda ação humana é potencialmente geradora de significados, alguns poucos gestos têm a sorte de fazer “História”, reservarem seu lugar no futuro; porém, quando se é professor, cada palavra dita, cada movimento, cada olhar tem seu lugar reservado no futuro do outro, do país, do mundo. Parafraseando Ferreira e Conceição (2016), não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem os educadores, são eles que de forma emancipadora, transformam a informação em conhecimento, criando seres humanos críticos e formando pessoas.

Codo (1999) destaca a importância dos professores na formação humana, falando também da velocidade que a sociedade vem mudando, o outro se transforma na mesma velocidade em que o professor o transformou. A historicidade imediata que anima o trabalho do professor o deixa impossibilitado de refletir. Fala também sobre o Marx (1978), que o trabalho alienado rouba do homem sua humanidade, o transforma em um animal. Rouba do homem o seu ser, o seu vir a ser, a sua história. O professor, em sua essência, busca tirar a alienação dos alunos, mas pode acabar por ser alienado pelo próprio trabalho; o trabalho feito para sobreviver, feito sem amor, sua carga horária pesada faz com que ele corra de uma escola para outra sem descanso, a falta de autonomia que algumas gestões impõem aos professores fazem com que seu trabalho se torne mecânico e desanimador.

O saber-fazer dos educadores é questionado a todo o momento, desde a gestão da escola, que busca profissionais que saibam trabalhar de acordo com seu regimento e planejamento, até os pais que questionam o trabalho dos professores. Codo (1999, p. 47) fala sobre esse saber-fazer:

Primeira questão a ser colocada: o saber e o saber-fazer estão nas mãos do professor, condição principal de sua atividade de trabalho. Por isso o planejamento de seu trabalho, as etapas a seguir no processo de ensino-aprendizagem, são por ele decididas, o ritmo imposto a seu trabalho não escapa completamente de seu controle, embora existam prescrições externas, às quais ele poderá, por diferentes motivos, resistir. Tudo isso porque ele possui um saber e porque o produto do trabalho é o outro.

O objetivo do trabalho do professor é descrito por Codo (1999), pois o foco deste é a aprendizagem do aluno. Cabe ao professor transmitir os conteúdos, o apoio extraclasse cabe aos pais e tantos outros. Entretanto, existe um fator que funciona como um “catalisador”: a afetividade. Através de um “acordo” em que o professor se propõe a ensinar e o aluno aprender, uma corrente de elos e afetos vai se formando, propiciando uma troca entre ambos. Assim como Codo (1999) esclarece, o professor no exercício de sua função precisa

desenvolver a capacidade de lidar de modo afetivo em sua função, que em algumas funções não são tão necessárias. O professor precisa lidar com os fatores psicológicos de sua função; e, em alguns casos, ganhando um papel de observador do aluno, para poder notar situações que estão afetando o seu desenvolvimento dentro da escola. Por outro lado, esse contato afetivo pode trazer benefícios para o professor, onde os alunos passam a se interessar mais nas aulas, comparecer e realizar as atividades propostas. Codo (1999, p. 50) afirma que:

Esta sedução, esta conquista, envolve um enorme investimento de energia afetiva, canalizada para a relação estabelecida entre o aluno e o professor. É nesta dança, entre sedutor e seduzido, na sincronia dos passos, na harmonia dos movimentos, que o professor transfere seus conteúdos e o aluno fixa o conhecimento. É mediante o estabelecimento de vínculos afetivos que ocorre o processo ensino-aprendizagem.

Luck (2009) destaca que os professores têm um papel fundamental na escola, podendo dizer que um dos principais, desenvolver habilidades de outras pessoas, principalmente que estão em evolução e se constituindo como ser humano, consciente de suas decisões e pensamentos, esse pode ser um dos motivos da pressão que o professor carrega perante seu cargo. Outro fator que contribui para a exaustão do educador é o fato dele desenvolver o afeto pelos alunos, seja ele proposital ou não. Como dito anteriormente, é o professor que se relaciona diretamente com os alunos, acabando por conhecer e se aproximar de forma sentimental. Carlotto (2002) destaca que a relação aluno/professor como uma das maiores fontes para desencadear *burnout*, bem como de se ter grandes oportunidades de recompensas e gratificações.

Quando Codo (1999) fala sobre essa questão, mostra que os educadores, assim como, qualquer outro profissional, é um ser humano; e, neste sentido, a demanda emocional pode variar, lembrando que o professor como ser humano, é dotado também de uma realidade própria; o autor lembra que está falando diretamente dos profissionais de escolas públicas onde há uma diversidade de hábitos, costumes, dificuldades e necessidades tão grandes que não podem ser desconsideradas, principalmente, quando se trata de alunos de baixa renda, os quais precisam de uma atenção especial, pois, podem ter a escola como abrigo, e o local onde encontrará a única refeição do dia.

Essa sobrecarga que os professores precisam administrar pode acarretar doenças mentais ou psicológicas, causando assim o afastamento, desvio de função e até mesmo, a síndrome de *burnout* – a doença do esgotamento profissional.

4- A GESTÃO ESCOLAR

O diálogo e a democracia podem contribuir para que os professores não sejam reféns da rotina e dos danos mentais, assim, uma escola com uma gestão democrática busca em seus princípios solucionar os problemas de forma coletiva, cabe ao gestor em conjunto com o professor e a comunidade, saber identificar esses problemas, e buscar ações que melhorem o desempenho e o convívio na escola. Souza (2009, p.126) fala sobre a gestão democrática e destaca;

A gestão democrática é aqui compreendida, então, como um processo político no qual as pessoas que atuam na/sobre a escola identificam problemas, discutem, deliberam e planejam, encaminham, acompanham, controlam e avaliam o conjunto das ações voltadas ao desenvolvimento da própria escola na busca da solução daqueles problemas. Esse processo, sustentado no diálogo, na alteridade e no reconhecimento às especificidades técnicas das diversas funções presentes na escola, tem como base a participação efetiva de todos os segmentos da comunidade escolar, o respeito às normas coletivamente construídas para os processos de tomada de decisões e a garantia de amplo acesso às informações aos sujeitos da escola.

Assim, a gestão democrática pode ser entendida como uma proposta que busca ações democráticas, utilizando de educação política pautada no diálogo e na participação efetiva de todos os membros que constituem a comunidade escolar como pais, alunos, professores e gestores. O diretor, exercendo sua função de forma democrática e participativa, saberá buscar os melhores métodos para resolver os problemas, pois, ele tem acesso a documentos e leis que, muitas vezes, os outros membros da equipe não têm o costume de consultar como Projeto Político Pedagógico e o Regimento Escolar, assim, é necessário incentivar a leitura de tais documentos para que estejam cientes de todos os direitos e deveres que fazem com a que a escola seja um local adequado para todos.

Outra questão sobre a gestão que pode ser evidenciada é o fato das escolhas para diretor não serem feitas de forma democrática, onde, escolas que possuem um diretor-gestor escolhido de forma prática e participativa podem auxiliar no convívio dos demais profissionais. Escolas caracterizadas por uma gestão tradicional tendem a ter profissionais menos interessados pelo trabalho, com menos participação de sua comunidade, pois, suas decisões não são tomadas com o apoio de todos. Codo (1999) discute sobre a gestão e a síndrome de *burnout*, argumenta que defende a gestão democrática e participativa e agrega em seu comentário sobre a defesa da saúde mental dos educadores, pois, sua responsabilidade com pais, alunos e toda a comunidade escolar mostra ser maior.

Os índices de vandalismos têm aumentado de forma significativa no Brasil, as escolas estão cada vez mais sem proteção, os alunos e professores vivem em um ambiente sem segurança e têm que “sobreviver” dia após dia sem a certeza se voltarão para casa em segurança. Os jornais destacam adolescentes agredindo, atacando e até matando professores e colegas de classe, alunos esses que estudam ou já estudaram nas escolas em que praticam os ataques, isso faz com que os professores se sintam inseguros, desprotegidos e ameaçados em seu lugar de trabalho. Trabalho esse que não é bem recompensado financeiramente, não tem mais o mesmo brilho de antigamente, os mesmos méritos antes, um governo que não prioriza a educação e faz com que cada vez mais a docência seja um trabalho pouco procurado e muito abandonado. Codo (1999) destaca que existe uma clara relação entre um número menor de vandalismos em escolas que possuem uma gestão democrática, pois, há uma proximidade maior, um trabalho em conjunto com a comunidade, incrementa que a gestão democrática participativa aumenta as chances de segurança nas escolas públicas e estaduais.

O diálogo é um fator muito importante no meio educacional, pois, é através dele que são realizadas as atividades da escola, são tomadas decisões, são solucionados problemas e alcançado um bom relacionamento. Souza (2009, p.127) expressa em sua fala sobre o autoritarismo, muitas vezes usado para reprimir as pessoas, o diálogo não é de forma circular e é usado somente para expressar a ideia da pessoa que esta no comando, deixando de ser diálogo e passando a serem somente ordens;

Não parece possível erradicar o autoritarismo sendo autoritário, construir o diálogo sendo demagógico, superar a violência agindo de forma preconceituosa. As pessoas utilizam, muitas vezes, sua autoridade para definir o correto e o incorreto, atrelando àquele, por exemplo, a atitudes de controle e até de submissão e estes, a atitudes de subversão.

Tendo em vista que, um ambiente de trabalho participativo e cooperativo se torna um lugar mais prazeroso e sabendo que não irá existir um lugar onde não haja conflitos e desentendimentos, o que o professor precisa saber é que quando encontrar barreiras em seu trabalho terá com quem contar, mesmo que, o problema não seja solucionado de imediato ambos buscarão a solução. Codo (1999) fala sobre uma redundância ao chamar um tipo de gestão como “democrática participativa”, já que, a democracia nas escolas suporia a participação, e esta não é um elemento que se derive automaticamente da escolha democrática dos dirigentes escolares, antes implica uma orientação do exercício da gestão, ou seja, a viabilização da participação depende das pessoas que dirigem a escola.

Um fator que é de extrema importância na gestão são as avaliações, seja ela da prática ou do resultado final, feita como uma ferramenta para que o trabalho tenha qualidade. Durante todo o período letivo, professores e alunos passam por avaliações; os alunos, por meio de provas, atividades, questionários e trabalhos dependendo da disciplina e do que pretende avaliar; já o professor por meio de sua prática e sua postura em sala de aula, para ver se está trabalhando de acordo com o projeto político e o regimento da escola. O aluno tendo um mau resultado, automaticamente o educador se torna um profissional ruim, pois, muitas vezes seu trabalho é medido por meio das notas dos educandos, e não pelo ensino/aprendizagem que está sendo desenvolvido na sala de aula.

O saber/fazer dos educadores é supervisionado, questionado e até mesmo mudado, algumas vezes para se adaptar ao ambiente da escola que está lecionando, e outras, para adaptar a visão da gestão. Cabe à gestão se atualizar diariamente para que a prática docente seja aperfeiçoada, e que ele possa diferenciar a avaliação do seu trabalho e não da pessoa em si. Freire (1997, p. 11) explica que “avaliar implica quase sempre em reprogramar”, que a avaliação ocorre no processo e não somente ao final. Essa prática feita de forma errônea faz com que os docentes se sintam desmotivados em seus trabalhos quando não conseguem atingir os índices desejados. Freire (1997, p11) acrescenta:

Neste sentido, a avaliação da prática é fator importante e indispensável à formação da educadora. Quase sempre, lamentavelmente, avaliamos a pessoa da professora e não sua prática. Avaliamos para punir e não para melhorar a ação dos sujeitos e não para formar.

O auxílio da gestão se faz necessário diariamente na sala de aula, e essas avaliações devem ser feitas de forma constante para que se possa melhorar durante as práticas, pois, sempre há mudanças. Tais mudanças fazem com que as crianças e adolescentes sejam atraídos por essas diversidades presentes na tecnologia, cada geração se comporta de uma maneira e as especificidades de cada criança se mostram mais latentes. O diretor, por diversos motivos como falta de profissionais em sua equipe, precisa deixar o trabalho pedagógico de lado e se ater a trabalhos administrativos, deixando a equipe sem o apoio necessário.

Mediante a tantos fatores, o professor já não é mais dono do “saber absoluto” e passou a ser visto como um mediador dos saberes, os alunos passam a intervir nas aulas com seus conhecimentos, sejam eles de suas vivências ou pesquisas feitas, a tecnologia tem auxiliado os alunos, fazendo com o que o livro não seja mais tão usado, as pesquisas passaram a ser

feitas pela internet, tornando temas que antes eram difíceis de serem trabalhados mais acessíveis. O professor que antes resumia seu trabalho aos livros e aos cadernos passa a usar computadores, celulares e tablets. Codo (1999) fala sobre a importância de se adaptar ao mundo em que vive, porém, nem toda a pessoa tem acesso à internet e aparelhos de telefone celular, aliás, atingem um número bem restrito de pessoas, mas mesmo para os que não têm acesso a essa tecnologia o mundo não é mais o mesmo e para as pessoas se inserirem no mercado de trabalho não podem ficar alheias a todas essas mudanças. Assim, a autonomia do docente é questionada, e cabe a gestão escolar auxiliar para que ele se veja em um ambiente que é necessário e produtivo, fazendo seus planos e projetos escolares de acordo com a realidade da escola; porém, sem tirar a autonomia do professor em sala de aula, pois, o ele é quem lida diretamente com os alunos. Codo (1999. P.92) direciona sua fala à as demandas e como nem sempre a direção é capaz de atender a todas, fazendo com que, quem esta diretamente ligado seja atingido;

Dissemos que a organização educacional nem sempre tem condições de atender às demandas que recebem, contudo essas demandas atingem diretamente o profissional que trabalha com os clientes. Em última instância, à solução, a busca por formas de atender o que aparece no dia-a-dia do exercício profissional.

Souza (2009) aborda em sua fala como a escola está solidificada pelos mesmos princípios instituidores da sociedade, uma vez que é parte dela, constituinte dela e instituída por ela. Assim sendo, expressa forma de manutenção e reprodução da cultura muito próxima do que ocorre fora da escola. O fato das pessoas carregarem em si uma cultura e um comportamento referente ao modo e local em que foram criados faz com que a escola seja um local de diversidade, não só por parte dos alunos, mas, professores e gestores.

5- AS DIFICULDADES EM SE TRABALHAR COM A EDUCAÇÃO

A educação tem se mostrado uma área difícil de trabalhar, por ser uma profissão extremamente exigente e que envolve muita responsabilidade. Apesar de toda importância pouco se fala sobre isso, pelo contrário, a docência tem sido extremamente subjugada e menosprezada pelo governo atual. Apesar de nunca ter sido uma grande preocupação, tem ficado cada vez mais evidente com os cortes nas verbas e o congelamento dos gastos para a educação. Muitos acreditam que professores que lutam por seus direitos se preocupam mais

com eles mesmo do que com o trabalho em geral. Quando de fato estão lutando pela melhoria da educação e das escolas.

Recebendo salários abaixo da média e sem tempo para atividades de lazer, os professores enfrentam uma situação de total descaso. O baixo salário, somado à desvalorização da carreira, faz com que a maioria dos profissionais precise buscar cargos em outros turnos, acarretando em cansaço e na sobrecarga de trabalho que pode ser notada na sala de aula.

O sofrimento psíquico ou mal-estar dos professores é um problema que ainda precisa de muita atenção na educação brasileira, visto que estes possuem diversas atribuições e a responsabilidade de formar o cidadão, além disso, as condições de trabalho contribuem para que os sintomas do cansaço psíquico se manifestem. Carlotto (2002, p24) fala sobre os sintomas dessa exaustão:

Farber (1991) divide as manifestações do burnout em professores em sintomas individuais e profissionais, destacando, entretanto, que estas questões são de difíceis generalizações e descrições universais. Em geral, segundo o autor, os professores sentem-se emocional e fisicamente exaustos, estão frequentemente irritados, ansiosos, com raiva ou tristes. As frustrações emocionais peculiares a este fenômeno podem levar a sintomas psicossomáticos como insônia, úlceras, dores de cabeça e hipertensão, além de abuso no uso de álcool e medicamentos, incrementando problemas familiares e conflitos sociais.

Carlotto (2002) fala sobre as dificuldades que se encontra na sua profissão; uma delas é a necessidade de desempenhar vários papéis, muitas vezes contraditórios, que exigem do professor muito equilíbrio. Nos aspectos profissionais, os eles podem se mostrar mais descuidados, tendo prejuízos em seu planejamento de aula, apresentando perda de entusiasmo e falta de criatividade; sentindo cada vez menos empatia pelo aluno e força de vontade em continuar a docência. Podem sentir também, cada vez mais frustrados pelos problemas que antes podiam ser corriqueiros em sua sala de aula. Outro apontamento que faz é a necessidade que as crianças têm do afeto do professor, fazendo com que ele desempenhe o papel de amigo e lhe proporcione apoio durante o ano escolar, sabendo que precisa estimular a autonomia do aluno, mas, ao mesmo tempo, seguir regras e deveres da instituição que atua.

O professor tem buscado “saídas” para não precisar lidar com a sala de aula, como o desvio de função e o afastamento médico. Os sintomas individuais e profissionais ficam evidenciados no seu trabalho, como exaustão e irritabilidade. Seu rendimento em sala de aula

passa a ser prejudicado e os conflitos como a síndrome de *burnout* passam a fazer parte do cotidiano dos professores agravando seu rendimento, até mesmo seu relacionamento familiar.

Assim, é bom entender como os gestores trabalhar para atenuar esse sofrimento psíquico, não deixar que seus profissionais sejam acometidos pela Síndrome de *Burnout* e possam ter qualidade em seu trabalho. A partir do momento que se tem uma boa gestão o desenvolvimento em grupo fica evidenciado, o trabalho se torna prazeroso e os problemas se tornam mínimos, pois, sabe-se que será solucionado em equipe. Não se tem como objetivo aumentar a carga dos gestores, tendo em vista que suas atribuições já são diversas, mas sim, auxiliá-lo a desenvolver um trabalho de equipe e democrático; onde se usa o diálogo de forma correta, a solidariedade pelo próximo fica evidente e se é trabalhado de forma humanitária; sabendo que o ser humano é incompleto e cheio de sentimentos.

Monbach (2010) através de uma pesquisa feita nas escolas de Sapucaí do Sul, região da Grande Porto Alegre (RS), notou que os educadores se mostravam cansados, estressados e desmotivados pela fadiga da jornada diária. Também notou a grande quantidade de professores que faltavam ao serviço por questões de saúde mental. Ao falar da rotina dos professores e da necessidade de uma boa formação chama a atenção para as diversas situações que os professores passam, precisando lidar de maneira pessoal e profissional ao mesmo tempo. Ressalta assim, a importância da gestão da escola para auxiliar no ambiente escolar para que ele seja mais humano e que o professor tenha condições dignas para exercerem seu trabalho.

Assim, “Quais as maiores dificuldades de se trabalhar com a educação atualmente? ”. É uma das questões que será abordada com a finalidade de auxiliar os profissionais da educação, principalmente os professores para que possam ter um ambiente de trabalho melhor. Além disso, sabe-se que uma escola não funciona apenas com professores e alunos, tem-se um quadro de funcionários como os auxiliares de cozinha, a gestão escolar que se compõe de: diretor, supervisor, vice-diretor (em algumas escolas) etc.

Quando escolhe uma profissão sabe-se que todas as áreas não se compõem somente de alegrias, na educação não é diferente, muitos falam que “o que se vê durante a faculdade não é o mesmo que se passa no dia a dia escolar”, mas, o que se faz com dedicação e amor se torna algo prazeroso e diferenciado, aumentando assim às alegrias de sua profissão.

Educação é uma palavra que se pode ser entendida de várias formas. Codo (1999) fala sobre a dificuldade em se definir o que realmente é educação, essa palavra pode servir para

vários exemplos como uma pessoa mal-educada ou uma pessoa analfabeta, o professor tem a difícil tarefa de alfabetizar e educar seus alunos para dominar conteúdos específicos e serem educados para a vida. O autor continua seu argumento demonstrando que os professores intervêm de forma constante em como os alunos se vestem ou se portam à mesa. Uma das dificuldades que o corpo docente tem é não ter o apoio dos pais e (ou) responsáveis na vida escolar de seus filhos, o professor passa a ter a difícil tarefa de criar afeto com cada aluno para poder conhecer melhor; porém, sem afetar ou misturar suas funções.

Quando um aluno entra para Educação Infantil, o que se pensa é que a escola tem total responsabilidade dos alunos aprenderem a ler, escrever, se desenvolver, ter habilidades e se habituar à sociedade, passando assim, a responsabilidade de desenvolver um ser pensante e que saiba conviver em sociedade e crescer profissionalmente. Alguns pais ou responsáveis sabem que não se deve incumbir total responsabilidade à escola, comparecendo às reuniões e auxiliando nos deveres para casa. Codo (1999, p.39) explicita que a “educação não tem lugar, hora, quando, onde; e nem por que. A educação jamais será completa, ela nos acompanha desde o nascimento até os nossos momentos finais. ” A palavra educação pode ser entendida de várias formas uma delas é “*ato ou processo de educar (-se)* ”, tal processo não precisar ser necessariamente feito somente dentro dos muros da escola, pode ser trabalhado com as crianças e adolescentes em casa, onde o apoio dos pais e/ou responsáveis se torna extremamente importante, ajudando na disciplina de seus filhos e reforçando o conteúdo que foi aprendido dentro de sala de aula. (p.39)

Quando se fala da educação escolar ocorre um equivoco em se imaginar o professor ideal, esquecendo que cada pessoa trabalha de uma forma, aplicando o que acredita ser o mais relevante para a sala de aula; porém, atendendo o currículo que precisa ser seguido. Não existe um método perfeito que auxilie completamente durante todo ano letivo e com todos os alunos, pois, cada um possui uma particularidade, uma especificidade e seu nível de raciocínio que pode não ser o mesmo de toda a turma. Nesse momento, da busca pelo profissional ideal, o professor começa a ter frustrações em seu cargo onde ele pensa em abandonar a profissão por não atender a demanda ou não saber lidar com situações do cotidiano escolar.

Nos profissionais da educação, ocorre uma frustração muito grande, pois o imaginário do “ser um professor ideal”, com utilização de métodos e atividades criativas e instigantes cai por terra frente aos inúmeros problemas

que este profissional enfrenta diariamente. Seus sonhos vão dando lugar à realidade nua e crua, onde estagna, sofre apatia, stress e, por vezes, pensa em abandonar a profissão (MONBACH, 2010, p.24).

Uma das questões que também precisa ser pensada no que se refere ao bem-estar do docente é a infraestrutura das escolas e a escassez de material como livros, computadores e jogos educativos, tendo em vista, o baixo salário que eles recebem e a falta de material para se trabalhar muitos acabam precisando arcar com materiais do próprio bolso. A falta de infraestrutura nas escolas já é uma questão antiga, que muitos pesquisadores mostraram como isso pode afetar no rendimento do aluno, já Codo (1999) trás como isso pode afetar também no trabalho do professor, visto que, tais materiais servem de suporte para as atividades que caracterizam a dinâmica da instituição, podendo afetar de forma direta ou indireta no ensino/aprendizagem. Porém, em suas pesquisas mostra que não há nada comprovado que a infraestrutura faça com que o professor venha a ser acometido por algum tipo de doença psicológica, mostra que quando o professor se encontra em um ambiente com desafios como falta de material, e estrutura precária, o mesmo busca forças para dar seu melhor no ambiente de trabalho, ocupando sua cabeça com soluções e desejo de vencer os desafios, ou seja, mesmo que o ambiente seja propício a algum adoecimento, a força de vontade pode fazer com que ele encontre uma luz, uma meta a se cumprir dando o melhor de si.

O professor tem diversos meios para auxiliar em sua rotina de trabalho, porém, sua mente, seu saber, faz com que ele seja o principal objeto de trabalho educacional. Isso faz com que ele se sinta necessário, que esta realmente exercendo sua profissão. Quando o professor é acometido pelo *burnout* isso pode diminuir, fazendo com ele passe a não ter a mesma criatividade e força de vontade em buscar meios para modificar suas aulas.

Outra questão que faz com que a docência tenha cada vez menos visibilidade na sociedade é a falta de reconhecimento, tendo em vista as diversas críticas que a profissão sofre e a quantidade de cobranças que tem. Essa falta de mérito fica expressa na fala de Carlotto (2002, p.25):

Farber (1991) afirma que, do ponto de vista público, a categoria sofre muitas críticas, é extremamente cobrada em seus fracassos e raramente reconhecida por seu sucesso. Para o autor, mesmo que esta seja uma tendência de todas as profissões, nenhuma categoria tem sido tão severamente avaliada e cobrada pela população em geral nas últimas duas décadas como a dos professores.

Tal fator faz com que a profissão docente seja mais complicada. Os profissionais da educação têm buscado menos aperfeiçoamento e formação continuada, pois, se veem em uma profissão onde o estudo, a mudança no currículo não é reconhecida de forma justa, passando a comparar seu cargo com o dos demais e se vendo em uma instituição sem crescimento e desenvolvimento salarial. A falta da formação continuada pode acarretar diversos problemas, visto que durante o ano letivo o docente terá que lidar com diversas situações como: avaliar, diagnosticar e auxiliar alunos; lidar com diversos perfis de alunos e saber como conduzir sua aula dentro dessa diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é possível falar de educação sem falar sobre o governo, descaso deste, sendo mais clara na visão governamental a educação deixa de ser prioridade, pois, ela traz como “consequência” seres humanos mais críticos e exigente por seus direitos. E isso é um problema para quanto menos se sabe sobre políticas públicas e direitos humanos pouco se exige, e não se gasta com a classe baixa. Esse desprezo pela educação faz com que não só o corpo docente seja atingido com a má remuneração e a falta de materiais básicos, mas, os alunos produzam menos e o rendimento da escola caia. Muitos alunos dependem dos materiais e da alimentação que a escola fornece; sem isso, eles se vêem em uma situação onde não são mais acolhidos e acabam desistindo ou não se preocupando com notas e rendimento escolar; algumas vezes se afastando para ajudar na remuneração em casa.

Já considerando o rendimento dos professores e a forma que esse prejuízo na educação pode causar, temos como principal elemento de estudo a *síndrome de burnout*. A desmotivação causa nos professores diversos danos, mas, o psicológico é um dos que mais preocupa, tendo em vista que uma pessoa psicologicamente afetada pode fazer seu serviço de forma mais forçada, pensando somente na remuneração, que pode ser pouca, mas ainda ajuda no seu dia a dia.

A síndrome de *burnout* é um fenômeno que acomete principalmente pessoas que trabalham diretamente com outras pessoas, seja na área da saúde, educação ou segurança, está diretamente ligada ao meio em que a pessoa está inserida, seja no contexto individual ou trabalhista. É do ser humano se envolver, participar e se sensibilizar com a vida do próximo.

Com o docente não é diferente, pois, ele está lidando com vidas, que estão em fase de mudança, transbordando emoções e exigentes por atenção.

O homem é um ser que se transforma e é transformado através do contexto em que está inserido e que é de extrema importância entender os fenômenos psicossociais que envolvem o trabalho humano. Cabe ao professor entender tais transformações e fenômenos, para que possa auxiliar durante o ano letivo, para que cada um desenvolva-se da melhor forma como um ser humano completo e que entende seu lugar na sociedade.

Existem condições que favorecem ao surgimento da síndrome e meios de impedir que os profissionais sejam acometidos com facilidade por ela. A educação é uma área em que a pessoa passará por diversos desafios, desde materiais de trabalho, até a necessidade de se envolver emocionalmente com o próximo, mas, se a gestão escolar souber providenciar um ambiente acolhedor e democrático, ambos os lados possam se sentir seguros em se expressar e desenvolver um bom trabalho, o docente encontrará desafios, mas, buscarão saída e meios de se manter estável emocionalmente. Assim, pensando na prática da gestão e na ação do sujeito encontram-se questões como diferenças/diversidade, tal modelo de educacional remete a gestão democrática e participativa, onde se encontra uma equipe humana, solidária e que previne o adoecimento do seu docente. A solidariedade promovida por esse modelo de equipe gestora faz com seus funcionários trabalhem em um ambiente mais prazeroso, onde acontecem ações coletivas, acompanhamentos e avaliações da equipe em geral e não só do trabalho de um profissional. O *burnout* em professores é um fenômeno complexo e multidimensional resultante da interação entre aspectos individuais e o ambiente de trabalho, não sobressaindo somente à sala de aula ou ao contexto institucional, mas, inclui fatores como políticas educacionais e fatores sócios-históricos.

A questão salarial também passa a ser um ponto que implica na existência do *burnout*, pois, o baixo salário dificulta na aquisição de materiais para atualização, ou seja, formação continuada, pois, o poder de compra desses profissionais acaba sendo baixo, causando a desmotivação. A formação continuada torna-se uma ferramenta fundamental para gestão e para os professores, pois, as mudanças e a falta de preparo podem trazer consequências na produtividade da escola. A diversidade da sala de aula, somada à tecnologia, faz com que os interesses dos alunos estejam mudando diariamente. Lutar contra isso pode se tornar mais difícil do que se qualificar para atender melhor a demanda da sala de aula.

Ao longo da docência o profissional aprende a lidar com situações dentro da sala de aula, mas o amor e o saber/fazer devem vir como um pacote, onde, juntamente com sua qualificação buscará trabalhar da forma mais prazerosa. É preciso trabalhar ousando diariamente para que não cair vencido pelo esgotamento psíquico. Lecionar não é uma tarefa fácil, porém, se feito de forma prazerosa, com apoio e em um ambiente adequado se torna atrativo. Transmitir o conhecimento é algo que faz o ser humano se sentir necessário e portador de algo que pode ser compartilhado. O conceito de gestão democrática faz-se necessário para que este ambiente seja concreto, esse elemento modifica a realidade das escolas/sistemas de ensino com o aspecto da participação, e de formas coletivas de gestão, ampliando as possibilidades de democratização da organização e gestão escolar.

Assim, pensando nessa prática e na ação do sujeito, encontram-se questões como diferenças/diversidade, tal modelo remete a um de gestão democrática e participativa, onde se encontra uma equipe humana, solidária e que previne o adoecimento do seu docente. A solidariedade promovida por esse modelo de equipe gestora faz com seus funcionários trabalhem em um ambiente mais prazeroso, onde acontecem ações coletivas, acompanhamentos e avaliações da equipe em geral e não só do trabalho de um profissional.

Quando se trata da avaliação, ainda ocorrem muitos equívocos como avaliações realizadas para punir e vigiar os profissionais; quando, na verdade, existe a necessidade do acompanhamento para se chegar à melhoria da ação, apontar erros que a pessoa pode não estar notando e trabalhar para que os índices subam. Sendo assim, avaliar implica quase sempre em reprogramar, que a avaliação ocorre no processo e não somente ao final da prática. Essa prática feita de forma errônea, sem democracia, diálogo e participação, faz com que os docentes se sintam desmotivados em seus trabalhos quando não conseguem atingir os índices desejados.

Enfim, muitos pontos podem ser abordados quando se fala na síndrome de *burnout*, mas, um ponto que chama atenção durante toda pesquisa feita foi que o *burnout* interfere não só na vida pessoal, vai além, baixando os níveis institucionais e social, fazendo com que não só a pessoa acometida seja prejudicada, mas o ambiente em que esta inserida acaba sendo afetado também, e a equipe de trabalho acaba se afastando, pois, um membro que não participa pode induzir os outros ao distanciamento das atividades. Ou seja, a saúde mental tem um impacto muito grande no contexto em que a pessoa esta inserida, uma boa saúde mental auxilia no modo em que a pessoa trabalha seja individualmente ou em equipe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Educação. Artigo 5º da Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008. **Disponível em:** <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=34061>. **Acesso em:** 07 de Novembro de 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. 2 Língua Portuguesa: Ensino de primeira a quarta série. 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. **Acesso em** 07 de Novembro de 2019.

CARLOTTO, M. S., **A síndrome de Burnout e o trabalho docente**. Psicologia em Estudo. V.7, Maringá, Paraná, 2002.

CODO, W. (Coord.). **Educação: carinho e trabalho** - Burnout, a síndrome da desistência do educador. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

DICIONÁRIO. *Disponível em:* <https://www.google.com/search?q=Dicion%C3%A1rio&stick=H4sIAAAAAAAAAAONQesSowS3w8sc9YSn5SWtOXmOU5OLzL0jNc8IMLsnMz0ssqrRiV2ItKNF1CuJZxMoNFAaKHl5YlJkPAKWEZ7E7AAAA&zx=1567695539758#dobs=educa%C3%A7%C3%A3o>. **Acesso em** 05 de setembro de 2019.

ECHER, I. C. **A revisão de literatura na construção do trabalho científico**. Porto Alegre, v.22, n.2, jul. 2001.

FERREIRA, R. H., CONCEIÇÃO, I.(Coord.). **Ser professor é...** 1. ed. Belo Horizonte, Minas Gerais: Faculdades Promove, 2016. *Disponível em:* http://www.kennedy.br/arquivos_up/documentos/98f4c8347f2e3edf7932ec113234909d.pdf . **Acesso em** 05 de setembro de 2019.

FREIRE, P. **Professora sim, Tia não:** cartas a quem ousa ensinar. São Paulo, São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997 *Disponível em:* <http://forumeja.org.br/files/Professorasimtiana.o.pdf> **Acesso em** 01 de novembro de 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GRADELLA, O., **Sofrimento psíquico e trabalho intelectual**. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, Vol. 13, n. 1, pp. 133- 148. São Paulo, 2010.

LEVY, G. C. T. M. **Avaliar o índice de Burnout em professores da Rede Pública de Ensino fundamental**. 2006. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

LUCK, H. **Dimensões da gestão escolar e suas competências.** Fundamentação e princípios da educação e da gestão escolar. Ed. Positivo Curitiba, 2009. *Disponível em:* https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2190198/mod_resource/content/1/dimensoes_livro.pdf. Acesso em 05 de novembro de 2019.

MONBACH, L. A. **Desafios da gestão escolar no enfrentamento da síndrome de burnout:** Um estudo na rede municipal de educação de Sapucaí do Sul (RS), Sapucaí do Sul (RS): 2010
SORATTO, L.; PINTO, R. M. **Atitudes no trabalho e burnout.** In: CODO, W. (Org.). Educação: carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes, 2003.

SOUZA, A. R. **Explorando e construindo um conceito de gestão escolar democrática.** Educação em Revista. V. 25. Belo Horizonte, Minas Gerais. 2009.